

## Bilinguismo, identidade e poesia

Consuelo Alfaro<sup>1</sup>

José R. Bessa Freire<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a trajetória, nas aldeias indígenas, de um poema, escrito originalmente em mirandês, intitulado *Dues Lhénguas*, de autoria de Amadeu Ferreira. O poema, traduzido ao português, foi recriado e adaptado pelos Guarani, circulando ainda no Alto Solimões (Amazonas) com os Ticuna, Kokama, Kaixana e Cambeba. A versão em português foi traduzida ao espanhol – duas línguas compartilhadas não apenas pelos falantes de mirandês, mas também pelos falantes das línguas indígenas, que são de área de fronteira. A identificação imediata dos índios com o poema suscitou algumas questões sobre identidade e bilinguismo que são abordadas aqui.

**Palavras-chave:** poesia, português, espanhol, línguas indígenas, identidade e bilinguismo.

**Abstract:** The goal of this article is to show the trajectory, in indigenous villages, of a poem, originally written in Mirandese by Amadeu Ferreira, named *Dues Lhénguas*. The poem, translated to Portuguese, was remade and adapted by the Guarani people, and circulated in High Solimões river (Amazonas) with the Ticuna, Kokama, Kaixana and Cambeba people. The Portuguese version was translated to Spanish – both languages shared not only by the Mirandese speakers, but also by the indigenous languages speakers, who are from the border area. The instant identification by the natives in relation to the poem brings some questions about identity and bilingualism which are addressed here.

**Keywords:** poetry, Portuguese, Spanish, indigenous languages, identity and bilingualism.

---

1 UFRJ. e-mail: consueloalfaro@hotmail.fr

2 UNIRIO/UERJ. e-mail: bessa\_18@hotmail.com

Ouvi os cantos, a voz, os murmúrios  
dos MBYA Guaranis.  
Eles me transportaram para a fonte das palavras.  
Me levaram  
para os ancestrais, para os fósseis linguísticos,  
lá onde  
se misturaram as primeiras formas, as primeiras vozes:  
a voz das águas, do sol, das crianças,  
dos pássaros,  
das árvores, das rãs...  
Passei quase duas horas  
deitado nos meus inícios,  
nos inícios  
dos cantos do homem.

Manoel de Barros

O poema em epígrafe, de Manoel de Barros, associa a língua e a cultura guarani à natureza nas suas formas primeiras, representação recolhida do senso comum. A idealização de um passado remoto enraizado na natureza faz parte de um romantismo poético, que elabora um discurso bucólico para produzir um encantamento como recurso para a construção de uma identidade alternativa.

Este artigo tem o objetivo de suscitar algumas questões sobre identidade e bilinguismo a partir de outro poema, escrito originalmente em mirandês, traduzido ao português e ao espanhol, e recriado nos cursos de formação de professores bilíngues guarani e de agentes indígenas de saúde, que o traduziram para sua língua materna. Pretende ainda apresentar as diferentes versões do poema e as condições em que foram produzidas e publicadas.

O texto em mirandês, intitulado *Dues Lhénguas* (Anexo A), é de autoria de Amadeu Ferreira, que o publicou no livro “Cebadeiros”, com o pseudônimo de Francisco Niebro na Coleção de livros em língua mirandesa da Editora Campos (NIEBRO, 2001). Foi lido pelo autor no colóquio “Mais Línguas, Mais Europa: Celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa”, coordenado por Maria Helena Mira Mateus (2001), durante a intervenção de Manuela de Barros Ferreira, da Universidade de Lisboa (FERREIRA, 2001).

O poema foi escrito numa língua falada por mais 15 mil pessoas que vivem em trinta e uma localidades de Portugal, no Concelho de Miranda do Douro e em aldeias de Vimioso, num território de 484 km<sup>2</sup>, que se estende ainda por outras aldeias de Bragança, Mogadouro e Macedo de Cavaleiros. Ao contrário do que pode pensar um leitor desavisado, o mirandês não é uma variedade

dialetal do português, sua configuração não permite que seja considerado dessa forma, conforme explica Manuela de Barros Ferreira, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Trata-se de uma língua românica, efetivamente, que foi dialeto do asturo-leonês, falado no reino de Leão, no século XII, pertencente ao mesmo subgrupo linguístico do idioma asturiano do noroeste da Península Ibérica. “Hoje, o mirandês, isolado do grupo a que pertencia, já é muito diferente do asturiano, só existe em Portugal” (FERREIRA, 2001: 38).

Em 1999, o mirandês adquiriu o estatuto de segunda língua oficial de Portugal, depois de ter sido usada, opcionalmente, nas escolas do ensino básico em Miranda do Douro e de figurar nas placas toponímicas da região. A Câmara Municipal de Miranda do Douro aprovou uma política de publicação de livros *sobre* e *em* mirandês, além de promover, anualmente, um concurso literário e um festival da canção na língua minoritária, que passou a ser usada na mídia local e em festas da cidade. O mirandês tem também, como todas as línguas, suas variedades dialetais: o dialeto central ou normal, o setentrional ou raiano e o meridional ou sendinês. Foi oficialmente reconhecido pela Convenção Europeia das Línguas Minoritárias.

A mudança de estatuto – que faz passar de uma situação de expressão oral envergonhada para uma situação de língua oficial, oral e escrita - permite a qualquer idioma um considerável alargamento da sua função social. Este alargamento é tanto mais premente quanto maior for o seu perigo de extinção (FERREIRA, 2001).

Atualmente, os falantes de mirandês são bilíngues ou trilingues, com competência em português e em espanhol. O poema em mirandês foi traduzido, no Brasil, justamente para o português e o espanhol – línguas conhecidas também pelos índios Mbyá Guarani– que dessa forma puderam tomar conhecimento de seu conteúdo, traduzindo-o para sua língua materna, numa experiência que ocorreu em três oficinas, realizadas todas em 2007: a primeira em janeiro, na aldeia Sapukai, no morro conhecido como Bico da Arraia, no sertão de Bracuí, na Serra da Bocaina, Angra dos Reis (RJ); a segunda em março, na aldeia Itaxi, em Paraty (RJ), durante o curso de educação ambiental, e a terceira em Faxinal do Céu (PR), em outubro, na VIII Etapa Intensiva do Curso de Formação de Magistério Guarani Kua’a Mbo’e.<sup>3</sup>

3 As oficinas nas aldeias do Rio de Janeiro foram realizadas pelo Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ, coordenado pelo professor José Ribamar Bessa Freire. Participaram agentes indígenas de saúde e professores bilíngues Guarani, entre os quais Algemiro

Posteriormente, as versões em português e em espanhol foram também trabalhadas, em janeiro de 2008, no Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em sua 4ª etapa presencial, com professores indígenas Ticuna, Kokama, Kaixana e Cambeba, quase todos também, da mesma forma que os falantes de mirandês e de guarani, com algum tipo de competência em português e em espanhol, por viverem na fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru.

### Línguas de fronteiras

As experiências mencionadas demonstraram que índios falantes de diferentes línguas, no Amazonas, no Sul e no Sudeste do Brasil, manifestaram uma identificação imediata com a leitura de um poema escrito originalmente numa língua minoritária falada em Portugal. Vamos nos deter aqui na experiência realizada com os Guarani e no contato que tiveram com essa língua indo-europeia.

Para que os professores indígenas pudessem ter acesso ao texto, o poeta Amadeu Ferreira liberou a tradução ao português, que foi feita por José R. Bessa Freire, um dos autores deste artigo, com o título *Dois Línguas* (Anexo B). Posteriormente, o poema foi reescrito em português, incorporando frases inteiras do original, mas acrescentando outras a partir das situações de bilinguismo vivenciadas pelos Mbyá (Anexo C). Foi feita, em seguida, uma tradução dessa versão ao espanhol – *Dos lenguas* – por Consuelo Alfaro, coautora deste artigo (Anexo D). Finalmente, os participantes da oficina fizeram a tradução para a língua guarani de parte do poema que mais lhes interessava com o título de *Moko) Ayvu* (Anexo E), publicando o texto no livro bilíngue *Maino') rapé – O Caminho da sabedoria* (IPHAN, 2009: 43-45).

A pergunta que se impõe imediatamente é: qual o interesse dos Guarani por um poema escrito em mirandês com o qual se identificaram a ponto de

---

da Silva (Karaí Mirim), Alessandro Mimbi da Silva (Vera Mirim) e Valdir da Silva (Vera Poty) da aldeia Sapukai; Sérgio Silva (Nhamandu Mirim), Darcy Nunes de Oliveira (Tupã) e Isaac de Souza (Kuaray Poty) da aldeia Itaxi; Nirio da Silva (Karaí Mirim) da Aldeia Araponga e Neusa Mendonça Martins (Kunhá Tacuá) da aldeia Rio Pequeno. Também os seguintes agentes de saneamento: Adílio da Silva (Kuará'y) e Aldo Fernandes Ribeiro (Karaí Mirim) da aldeia Sapukai; Hélio Vae (Karaí Tupã Mirim) da aldeia Itachim; Jorge Mendonça Martins (Wera) da aldeia Rio Pequeno e Vilmar Vilhares (Tupã) da aldeia Araponga. Esses são os autores da versão guarani (Anexo E), que foi revisada por Marcelo Werá, da aldeia Três Palmeiras (ES) e por Alberto Alvares, e posteriormente supervisionada pela linguista Ruth Montserrat no módulo do curso de formação de magistério em Faxinal do Céu (Paraná) desenvolvido pelo professor J. R. Bessa Freire para oitenta professores guarani das regiões Sul e Sudeste.

traduzi-lo e ressignificá-lo em sua própria língua? Por que se emocionaram tanto com sua leitura? O que lhes atraiu no poema? O que existe de comum entre as representações que o Guarani e o mirandês fazem de suas respectivas línguas em contato com o português? Afinal, qual é a situação da língua guarani no quadro sociolinguístico da América do Sul?

Atualmente, no Rio de Janeiro – onde o poema foi traduzido – são mais de setecentos índios, todos eles usuários da língua guarani, vivendo em seis aldeias localizadas em três municípios: Angra dos Reis, Paraty e Niterói, em territórios ocupados como resultado de uma migração relativamente recente proveniente do sul. Mas no Brasil eles somam um pouco menos de 50 mil indivíduos distribuídos em dez estados, a maior parte concentrada nas regiões Sul e Sudeste, fronteira com o Paraguai, Argentina e Uruguai.

Os estudos linguísticos e arqueológicos sugerem que a origem das protolínguas da família Tupi-guarani teria acontecido na Amazônia Central há cerca de 5 mil anos (MIGLIAZZA, 1982). No entanto, por volta de 2000 e 1500 AP, segundo as pesquisas arqueológicas, já existem evidências da presença Guarani na outra extremidade do continente, nas bacias dos rios Paranapanema, Uruguai e Jacuí (DIAS et alii, 2008).

Atualmente, a língua denominada guarani está constituída por variedades dialetais conhecidas como mbyá, kaiowá, nhandeva e chiriguano, além do jopará – o guarani paraguaio que é uma variante histórica de vários dialetos guarani com o espanhol colonial.

*“De hecho hay una sola lengua guaraní, aunque numerosas son sus variedades y cada una tiene su vida propia y sus dolencias”* – nos ensina Melià (2010: 228). Esta língua é falada em cinco países do Cone Sul: Paraguai, Argentina, Bolívia, Brasil e Uruguai, ainda que esse último país seja o único a não reconhecer oficialmente a existência do guarani em seu território.

Independente das políticas linguísticas nacionais e do lugar atribuído às línguas indígenas na escola e na mídia, a língua guarani é, certamente, “um ponto de união de vários países da América do Sul”, como sinalizou com muita propriedade Felix Giménez Gómez, em entrevista ao repórter gaúcho Daniel Cassol. Poeta e escritor paraguaio, Don Felix morreu aos 86 anos, em março de 2011, depois de ver o guarani ser reconhecido como língua oficial do Paraguai, em 1992, e como um dos idiomas oficiais do Mercosul, em 2009, ao lado do português e do espanhol, o que obriga a redação dos documentos dessa instituição nas três línguas (CASSOL, 2009).

No Brasil, em 2010, o município de Tacuru (MS), onde 30% dos habitantes são Guarani, adotou esse idioma como segunda língua oficial, o que obriga a prefeitura a usá-lo nos atendimentos na área de saúde e em campanhas de prevenção e tratamento de doenças. Com a nova lei, a Prefeitura de Tacuru se

---

comprometeu a apoiar e incentivar o ensino de guarani nas escolas e usá-lo nos meios locais de comunicação. O município de Paranhos, também em Mato Grosso do Sul, está seguindo os passos de Tacuru para a oficialização do guarani.

Esse reconhecimento do guarani no plano municipal vem sendo acompanhado pelo Ministério Público Federal, para quem o Brasil, como signatário do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, tem o dever de garantir que as minorias étnicas ou linguísticas não sejam privadas de usar suas próprias línguas. A Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre os Povos Indígenas e Tribais determina que os estados nacionais signatários adotem medidas para que essas minorias possam compreender e se fazer compreender na relação com as instituições públicas, providenciando, se for o caso, o uso de intérpretes e tradutores.

### **Poesia em guarani**

As dificuldades para traduzir um poema do mirandês a uma língua indígena podem ser comparadas às da tradução ao guarani de Don Quijote de la Mancha feita por Felix Giménez Gómez, que levou dois anos para finalizá-la. Hoje existem alguns exemplares dessa tradução no Museu Cervantino. Além das dificuldades relativas à tipologia linguística, estão também envolvidas questões relacionadas à tradição de discursos literários, retórica e letramento. Considerando o bem simbólico que é a língua, nos deparamos no campo da ideologia com discursos que legitimam os usos de línguas como o Guarani nessas funções consideradas “nobres”, como é o caso da produção literária, especialmente em suporte escrito.

“Em Guarani, há tudo. Não precisamos de outra língua” – afirmou Don Felix de Guaranía, como é conhecido. Ele defende a autonomia do guarani, lamentando que seu ensino nas escolas paraguaias se faça ainda de forma improvisada, com professores que não estão bem preparados. Atualmente, mais de 90% da população paraguaia, além do espanhol, fala o guarani jopará, transformando-o em uma língua de resistência.

O discurso sobre a capacidade do idioma guarani para desempenhar a função literária faz parte dos argumentos de vários escritores, que se referem à facilidade com a qual os seus falantes penetram no mundo da poesia. Essa língua *“entraña en su contexto cósmico significaciones que anulan nuestros conceptos de temporalidad y espacialidad”* – sinaliza Roa Bastos, no seu comentário ao texto intitulado “As culturas condenadas”. Para o premiado escritor paraguaio, a qualidade poética da literatura guarani é a melhor prova da vitalidade da língua e da cultura guarani:

*Esta perfección, esta plenitud, esta unidad y originalidad de los cantos y mitos indígenas – que sobreviven victoriosamente en las traducciones y versiones – prueban una de las tesis de la ciencia lingüística: la de que no hay una lengua inferior a otra. Prueban, asimismo, que no sólo las culturas que se proclaman “superiores” son las que producen “jerárquicamente” las mejores y más altas expresiones artísticas. Prueban que esta superioridad – en el sentido de plenitud y autenticidad – sólo puede brotar de culturas que han logrado un alto grado de unidad y cohesión, como sucede en el caso de las culturas vernáculas (ROA BASTOS, 1980).*

Ele chama ainda a atenção para a oposição “entre lo ‘dicho’ en los cantos indígenas y lo ‘escrito’ en las letras paraguayas de escritura colonial”, localizando uma enorme distância entre “lo vivo del acervo oral, del pensamiento colectivo” e aquilo que ele considera como “lo muerto de la escritura literaria, de carácter siempre individual”.

A intimidade dos Guarani com a linguagem poética pode ser avaliada também no conceito de beleza que eles compartilham. A antropóloga Elizabeth Pissolato, que conviveu com os Guarani do Rio de Janeiro, em seu artigo – “Dimensões do bonito: cotidiano e arte vocal Mbya Guarani” – aborda as dimensões da beleza para os Guarani e os diversos aspectos de um “fazer bonito” (*japo porá*), além de discutir a experimentação do “belo” no contexto de música e dança na reza. “Não há arte maior entre os Mbya que a vocal” – ela escreve, destacando o lugar central da oralidade para os Mbyá, para quem “viver como humanos envolve um sentido do belo, qualidade originalmente pertencente ao mundo dos deuses, mas que deve ser constantemente apropriada e atualizada nas condutas humanas, sem o que a existência das pessoas Mbyá torna-se, no limite, insustentável” (PISSOLATO, 2008).

A poesia bilíngue – menos do que seria recomendável, é verdade – tem sido usada nas escolas guarani como um exercício. Os professores indígenas do Rio de Janeiro, responsáveis pela tradução do poema em mirandês, elaboraram o citado livro bilíngue *Maino’i rapé – O caminho da sabedoria*, com textos em guarani carregados de poesia. Um deles, logo na abertura do livro, é uma espécie de hai-kai e merece ser transcrito aqui pela forma como foi trabalhado numa escola em Aracruz, no Espírito Santo, por uma professora guarani, preocupada em reforçar o bilinguismo em seus alunos. Seu título é *Popo Yju – Borboleta amarela* (IPHAN, 2009: 3).

*Popo Yju*

*Ara Owy re*

*Iporãa opa va’erã e’y*

*Ojapo vai va’era e’y mava’e vê reipe*

*Iporãa opa va'erã e'y.*

Borboleta amarela  
No céu azul  
Infinita beleza  
Não fazer mal a ninguém  
Infinita beleza.

Todas as potencialidades desse poema foram exaustivamente exploradas na Escola Guarani de Três Palmeiras, no município de Aracruz, Espírito Santo, pela professora bilíngue Sandra Benitez, bolsista do Observatório de Educação Escolar Indígena (Núcleo em Rede: UFMG/UFSJ/PUC-MG/UFSC/UNIRIO) – um projeto que discute as práticas de interculturalidade, plurilinguismo e aprendizagem nas propostas de formação de professores e nas escolas indígenas. A professora Sandra trabalhou essa poesia em guarani com crianças do ano pré-escolar, de idade entre quatro e cinco anos, durante todo mês de setembro de 2009, desenvolvendo vários conteúdos: o sistema de cores, o hábitat e a alimentação das borboletas, o meio ambiente, a relação com outros animais, realizando passeio pelas matas para observar o processo de formação das borboletas. O poema serviu também para trabalhar noções de língua guarani e de português, mas também o conceito de beleza, com critérios éticos e estéticos se fundindo.

No entanto, o bilinguismo escolar, tal como vem sendo praticado nos países do Cone Sul, nem sempre vem desempenhando um papel de defesa e preservação da língua, conforme indicam pesquisas, dissertações e teses sobre o funcionamento da escola bilíngue guarani em diversos estados e em diferentes países.

### **Bilinguismo escolar**

O papel da escola e do Estado na construção da identidade étnica dos Mbyá Guarani no Rio Grande do Sul foi analisado por Vanderlise Machado Barão, em sua dissertação de mestrado. O autor chama a atenção para o problema:

A escolarização, conforme os moldes ocidentais, tem sido foco de discussões internas e externas, entre os próprios Mbyá, e tem apresentado fortes influências sobre a identificação étnica do grupo diante de seus “outros”, principalmente diante da sociedade nacional (BARÃO, 2005).



Nas aldeias guarani de Santa Catarina, o papel da escola em relação à língua e à cultura também é polêmico. Outra pesquisadora, Ismênia Vieira, ouviu crianças, jovens, adultos e lideranças da aldeia indígena M'Biguaçu Tekoá Yynn Moronti Wherá, em Biguaçu (SC), para mapear os significados atribuídos à escola e o que entendem por escola bilíngue e intercultural. Concluiu que a escola ocupa lugar de destaque na aldeia, considerada uma segunda “casa de reza”, encarregada de uma dupla função: desenvolver os conhecimentos da sociedade não indígena – o ensino de português, a leitura e a escrita – e valorizar a língua guarani e os conhecimentos tradicionais. A escola é admitida, dessa forma, como o ponto de conexão entre os dois mundos representados pelas duas línguas: o guarani e o português em contexto de muita tensão (VIEIRA, 2006).

E isso porque a relação entre as duas línguas não se dá de forma simétrica, como se pode constatar na escola da aldeia Massiambu, em Palhoça, também em Santa Catarina, pesquisada por uma historiadora da Universidade Federal (UFSC). Ela registrou o depoimento do professor bilíngue Leonardo Wera Tupã, que usou uma imagem contundente e bastante didática para representar a instituição:

A escola dentro da aldeia é como se fosse uma embaixada de outro país. Ela está em território Guarani, faz parte do contexto, mas não atende os interesses da comunidade na qual está inserida, ela atende os interesses dos “donos” da escola (ROSA, 2009: 66).

Esse mesmo sentimento é compartilhado por professores da escola guarani no Espírito Santo estudada por Teao (2007) e Cota (2008) e no Rio de Janeiro, analisada por Campos (2012). Guardadas as diferenças, na Argentina a questão também se impõe, conforme apontam pesquisas etnográficas realizadas em contextos étnicos diversos, algumas delas publicadas no livro *Educación Escolar Indígena – Investigaciones antropológicas en Brasil y Argentina*, organizado por duas antropólogas. Ali, diversos textos analisam as políticas de educação escolar indígena nos dois países e os programas de educação “compensatórios, bilíngues e interculturais”. Discutem ainda os processos de apropriação da escola pelos povos indígenas, como ferramenta de luta e de afirmação cultural (GARCIA; PALADINO, 2007).

No entanto, as restrições ao uso da língua guarani, na realidade, ultrapassam as práticas educativas escolares, conforme constata Carolina Gandulfo no seu livro *Entiendo pero no hablo*. Ela estudou o guarani “acorrentinado” em uma escola rural em San Luis del Palmar, Corrientes, onde as crianças chegam falando guarani e, algumas vezes, um pouco de espanhol. São crianças silencio-

sas, caladas, tímidas, que não podem se comunicar com seus próprios professores e que, muitas vezes, são reprimidas na família, porque alguns pais já não falam com seus filhos em guarani para “*que puedan aprender a hablar un buen castellano*”(GANDULFO, 2007).

No Paraguai, onde “as crianças aprenderam primeiro o guarani”, mantendo um campo relativamente mais amplo do que nos países vizinhos, existe igualmente um preconceito acentuado contra o idioma, conforme constata Don Felix Gimenez Gomez: “O guarani foi uma língua marginalizada. Mães e pais não queriam que seus filhos falassem, porque achavam que o guarani os rebaixava socialmente”.

O tema relativo à transformação enfrentada pelos Guarani e por outros povos foi debatido num Grupo de Trabalho na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Porto Alegre, em 2007, quando se discutiu também os usos do guarani e do espanhol em diferentes situações comunicativas, incluindo o espaço escolar, e o papel do bilinguismo na construção das identidades étnicas.

### **O ratinho bilíngue**

No momento da Conquista, no século XVI, Guarani era quem falava guarani. Hoje, no século XXI, com grande parte de suas terras usurpadas, com as aldeias compartilhando já o espaço urbano, com a implantação da escola indígena bilíngue e intercultural, Guarani é quem, além do guarani, usa o português e/ou o espanhol, línguas que precisam adquirir para poder sobreviver dentro da economia de mercado na qual muitos deles foram inapelavelmente submergidos. Nesse sentido, os Guarani assumiram como sua a frase final do poema em mirandês: “*Tengo dues lhénguas cumigo / dues lhénguas que me fazírun / i yá nun passo nien sou you sien ambas a dues*”. Ou, na tradução de Adilio Kuaray Papa: “*Areko moko) ayvu xere / Moko) ayvu xeapo/ Ndaiko vei ma / A’e kuery e’ù reve / Ni xee ma xee’ ù / Moko) e’ù reve*”.

O bilinguismo, dessa forma, faz parte hoje da identidade guarani. A questão que se formula é: até quando? A pergunta é pertinente, considerando que em todo o Cone Sul ocorre aquilo que Melià denuncia no país onde vive:

*El supuesto bilingüismo del Paraguay apenas camufla una forzada empresa de castellanización.(...).La teoría del bilingüismo que se practica, teóricamente viciado, mal programado y pésimamente administrado, es la mayor amenaza que pesa sobre las lenguas de América Latina: el dogma se ha vuelto superstición (MELIÀ, 2010: 273, 278).*

Por isso, Melià manifesta sua profunda desconfiança em relação a esse bilinguismo de transição que conduz não ao monolinguismo, mas ao unilinguismo. Ele entende por monolinguismo *“la lealtad hacia una lengua como propia, diferenciada, tradicional e histórica, que, sin embargo, no se cierra al aprendizaje y uso de segundas y terceras lenguas, dada la conveniencia de comunicarse con otros pueblos y comunidades; lo propio no excluye lo ajeno ni rechaza lo diferente”*. Enquanto o monolíngue está aberto para outras línguas, o unilíngue está absolutamente fechado, por acreditar que todo e qualquer pensamento se esgota no uso de uma única língua: *“El unilinguismo es la declaración de la unicidad de la lengua y la proclamación de una lengua como apta y suficiente para todos los actos comunicativos”* (MELIÀ, 2010: 285).

A visão dos Guarani sobre o bilinguismo confirma, por outros caminhos, as preocupações de Melià, na medida em que eles também distinguem o bilinguismo ofensivo, agressivo e exterminador, de um lado, do bilinguismo defensivo, de outro, que pode ser ilustrado com as duas versões da história do Gato e do Rato, que eles gostam de ouvir e que foram contadas, repetidas vezes, no Curso Kua’a-Mbo’e (Conhecer-Ensinar) de formação de professores bilíngues.<sup>4</sup>

A primeira versão foi apresentada a eles, que não conheciam a história. Um gato, faminto, persegue um ratinho, que se esconde num buraco. Ouvindo o miado ameaçador lá fora, o ratinho pensou: *“Só saio daqui, depois que esse gato for embora”*. Quando cessou o miado, ouviu-se latidos. O rato, então, saiu, certo de que o gato, por temer o cachorro, se havia ido. Mas lá fora estava o gato, que o estraçalhou, comentando em voz alta enquanto lambia os ossos: *“É impressionante! Hoje, quem não for bilíngue, morre de fome. Ainda bem que eu falo também o cachorrês”*.

Depois de ouvir, muitas vezes, essa história, os professores guarani decidiram contá-la, usando o teatro de bonecos. No entanto, apresentaram a versão deles, que tem um final diferente e revela muito bem a alma guarani. Nessa versão, o gatinho – que em língua guarani é *xivi’i* – persegue o ratinho – *anguja’i*

4 Os índios guarani pedem para ouvir essa história, que nós contamos para eles, repetidas vezes, no Curso Kua’a Mbo’e (Conhecer-Ensinar). Do curso, iniciado em outubro de 2003, participam cerca de oitenta professores Guarani bilíngues do Sul e do Sudeste do Brasil. As aulas presenciais aconteceram duas vezes por ano. A primeira etapa foi em Rodeio (SC), em outubro de 2003. As outras foram em Governador Celso Ramos (SC), Faxinal do Céu (PR) e São Francisco de Paula (RS). Na VIII etapa, realizada em Faxinal do Céu, de 05 a 12 de outubro de 2007, o professor desse curso, José R. Bessa, responsável por essa versão escrita, trabalhou as narrativas orais, sua estrutura e sua função; Ruth Monserrat tratou da questão da língua. Dessa forma, nasceu a versão do Xivi’i a’e Anguja’i.

– que se esconde no buraco. Mas acontece que esse ratinho aqui era bilíngue, entendia o cachorrês. Por isso, quando ouviu os latidos, percebeu que havia algo estranho, um sotaque diferente de quem não falava cachorrês como língua materna. Desconfiou que era uma armadilha e se salvou, dizendo lá de dentro do buraco: “É impressionante! Hoje, quem não for bilíngue, é devorado pelo inimigo”. Esse é o bilinguismo dos Guarani e dos falantes de mirandês.

Quando perguntamos por que haviam mudado o final da história, um professor guarani respondeu: “Ah, o ratinho é o mais fraco, e numa história guarani a gente não pode deixar o mais fraco ser destruído” (IPHAN, 2009: 72-73).

Com essas dúvidas e interrogações, deixamos aqui o agradecimento ao poeta Amadeu Ferreira, que cedeu o poema aos Guarani, cumprindo aquela promessa que um dia ele mesmo se fez: “*Fago por poner an prática la seguinte eideia que a mi mesmo m’ampus: nun deixar passar un die sin FAZER algo pula lhéngua mirandesa*”.

Mirandês e Guarani: o mesmo combate. Deixamos anexadas as diferentes versões do poema, que começa com *Dues Lhéguas* e termina com *Moko Ayvu*, para que o leitor depois de visitar e celebrar o mirandês, visite e celebre o guarani, em companhia de Melià, a quem pedimos emprestado, uma vez mais, a frase com a qual concluímos:

“*También la historia de América es la historia de sus lenguas, que tenemos que lamentar cuando ya muertas, que tenemos que visitar y cuidar cuando enfermas, que podemos celebrar con alegres cantos de vida cuando son habladas*” (MELIÀ, 2010: 27).

### Referências bibliográficas

BARÃO, Vanderlise Machado. *A Escola Indígena e o Poder de Estado: construção de uma identidade étnica entre os Mbyá Guarani*. Dissertação de Mestrado. PUC/RS – Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. Julho de 2005. Orientadora: Dra. Maria Cristina dos Santos.

CAMPOS, Maria Cristina Rezende de Campos. *A arte do corpo Mbyá-Guarani: processos de negociação, patrimonialização e circulação de memória*. Tese de Doutorado em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro. 2012. Orientador: Dr. José Ribamar Bessa Freire.

CASSOL, Daniel. *Um Dom Quixote do idioma guarani*. Reportagem. Sociedade Editorial Brasil de Fato. São Paulo (02/07/2009).

COTA, Maria das Graças. O processo de escolarização dos Guarani do Espírito Santo. Tese de Doutorado em Educação. UFES. Vitória (ES). 2008. Orientadora: Dra. Regina Helena Silva Simões.

DIAS, Adriana Schmidt et alii. O Discurso dos fragmentos: sócio-cosmologia e alteridade na cerâmica guarani pré-colonial. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.5-34, jul/dez. 2008.

FERREIRA, Manuela Barros. O Mirandês no Ano Europeu das Línguas. In: MIRA MATEUS, Maria Helena (coord.) *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística da Europa*. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 35-41.

GANDULFO, Carolina. *Entiendo pero no hablo. El guaraní "acorrentinado" en una escuela rural: usos y significaciones*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2007.

GARCIA, Stella Maris; PALADINO, Mariana (comp.) *Educación Escolar Indígena. Investigaciones antropológicas en Brasil y Argentina*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2007.

IPHAN. *Maino'i rapé – o caminho da sabedoria*. Rio de Janeiro: IPHAN – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

MELIÀ, Bartomeu. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Asunción: CEADUC, 2010.

MIGLIAZZA, Ernest C. *Linguistic Prehistory and the Refuge Model in Amazonia*. New York: T. Prence, 1982.

MIRA MATEUS, Maria Helena (coord.) *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade de linguística da Europa*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

NIEBRO, Francisco. *Cebadeiros*. Porto: Editora Campo das Letras, 2001. Coleção de Livros em Língua Mirandesa.

PISSOLATO, Elizabeth. Dimensões do Bonito: Cotidiano e Arte Vocal Mbya Guarani. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 35-51, jul./dez. 2008.

ROA BASTOS, Augusto (comp.). *Introducción. Las culturas condenadas*. 2. ed. México: Siglo XXI, 1980.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009. Orientadora: Dra. Ana Lucia Nozold.

TEAO, Kalna Mareto. *Arandu Renda Reko: a vida da escola guarani Mbya*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Orientadora: Profa. Dra. Izabel Cristina Novaes. Vitória. 2007

VIEIRA, Ismênia de Fátima Vieira. *Educação Escolar Indígena: as vozes guarani sobre a escola na aldeia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFSC. Florianópolis. 2006. Orientadora: Dra. Maristela Fantin.

## Anexos

**Anexo A** - *Dues Lhénguas* – Original de Amadeu Ferreira

Publicado in MIRA MATEUS (2001: 39-40)

Andube anhos a filo cula lhéngua trocida po la  
oubrigar a salir de l sou camino i tener de  
pensar antes de dezir las palabras ciertas:  
ua lhéngua naciu-me comi-la an merendas bebi-la an fuontes i rigueiros  
outra ye çpoijo dua guerra de muitas batailhas.  
Agora tengo dues lhénguas cumigo  
i yá nun passo sin ambas a dues.  
Stou siempre a trocar de lhéngua mei a miedo  
cumo se fura un caso de bigamie.  
Ua sabe cousas que l'outra nun conhece  
ríen-se ua de la outra fazendo caçada i a las bezes anrábian-se  
afuora esso dan-se tan bien que sonho nas dues al mesmo tiempo.  
Hai dies an que quiero falar ua i sale-me la outra.  
Hai dies an que quedo cun ua deilhas tan amarfanhada que se nun la falar arre-  
bento.  
Hai dies an que se m'angarabátan ua an la outra  
i apuis bótan-se a correr a ber quien chega purmeiro  
i muitas bezes acában por salir ancatrapelhadas  
i a mi dá-me la risa.  
Hai dies an que quedo todo debelgado culas palabras por dezir  
i ancarrapito-me neilhas cumo ua scalada  
i deixo-las bolar cumo música  
cul miedo que anferrúgen las cuordas que las sáben tocar.  
Hai dies an que quiero bertir ua pa la outra  
mas las palabras scónden-se-me  
i passo muito tiempo atrás deilhas.

Antre eilhas debíden l miu mundo  
i quando pássan la frunteira sínten-se meio perdidas  
i fártan-se de roubar palabras ua a la outra.  
Ambas a dues pénsan  
mas hai partes de l coraçon an que ua deilhas nun cunsegue antrar  
i quando s'achega a la puorta pon l sangue a golsiar de las palabras.  
Cada ua fui pursora de l'outra:  
l mirandés naciú purmeiro i you habituei-me a drumir  
arrolhado puls sous sons calientes cumo lhúrias  
i ansinou l pertués a falar guiando-le la boç;  
l pertués naciú-me an la punta de ls dedos  
i ansinou l mirandés a screbir porque este nunca tube scuola par'adonde ir.  
Tengo dues lhénguas cumigo  
dues lhénguas que me fazírun  
i yá nun passo nien sou you sien ambas a dues.

**Anexo B – Duas Línguas – Tradução de José Ribamar Bessa Freire**

Andei anos a fio com a língua torcida, porque  
obriguei-a a desviar o seu caminho e a ter de  
pensar antes de falar as palavras certas:  
uma língua nasceu comigo, comi-a em merendas, bebi-a em fontes e riachos  
e a outra é o que sobrou de uma guerra de muitas batalhas.  
Agora tenho duas línguas comigo  
e já não posso mais viver sem as duas.  
Estou sempre trocando de língua com um pouco de medo,  
como se fosse um caso de bigamia.  
Uma sabe coisas que a outra desconhece,  
acham graça uma da outra, caçoam e às vezes se zangam  
afora isso, elas se dão tão bem, que sonho nas duas ao mesmo tempo.

---

Há dias em que quero falar uma e me sai a outra.  
Há dias em que fico com uma delas tão engasgada que se calo  
posso explodir.  
Há dias em que se enredam uma na outra  
e depois começam a correr para ver quem chega primeiro,  
e muitas vezes acabam permanecendo encabrestadas uma na outra  
e me dá vontade de rir.  
Há dias em que fico todo arqueado com as palavras não ditas  
e me ergo nelas como numa escalada  
deixando-as voar como música  
com medo que fiquem enferrujadas as cordas que as sabem tocar.  
Há dias em que quero traduzir uma para a outra,  
mas as palavras se escondem de mim  
e gasto muito tempo atrás delas.  
Entre elas, dividem o meu mundo  
e quando atravessam a fronteira se sentem meio perdidas  
e não se cansam de roubar palavras uma a outra.  
Ambas pensam,  
mas há partes do coração em que uma delas não consegue entrar  
e quando se aproxima da porta, o sangue se põe a jorrar com as palavras  
Cada uma foi professora da outra:  
o mirandês nasceu primeiro e eu me habituei a dormir  
embalado por seus sons ardentes como brasas,  
ensinando o português a falar, guiando-lhe a voz.  
O português nasceu-me na ponta dos dedos  
e ensinou o mirandês a escrever porque este nunca teve escola para ir.  
Tenho duas línguas comigo  
duas línguas que me fizeram  
e já não vivo sem elas, nem sou eu, sem as duas.



**Anexo C** – Duas línguas – Adaptação de José R. Bessa Freire com professores guarani

Publicado in IPHAN (2009: 44-45)

Exigiam que eu falasse uma língua que eu não falava,  
que eu dissesse o que não dizia, que calasse o que sabia.  
Por isso, andei alguns séculos, emudecido.  
A língua presa, travada, reprimida.  
A palavra entalada na garganta, o não dito.  
Tentaram me arrebataram aquilo que havia guardado como um tesouro:  
a palavra, que é o arco da memória.  
Diziam que me faltava inteligência,  
por pensar duas vezes, numa língua estranha,  
antes de gaguejar as palavras certas.

Agora tenho duas línguas.

Uma língua nasceu comigo, no colo da minha mãe.  
É a língua do tekoha e da opy,  
onde as palavras se abrem em flor e se convertem em sabedoria,  
as belas palavras, nhe'en porãngue'i,  
palavras indestrutíveis, sem mal, ayvu marã'ey.  
O nome que tenho, foi ela quem me deu na cerimônia do Nhemongarai.  
É nela que ouço as divinas palavras do maino'í.  
Com ela nomeio as plantas, as flores, os pássaros, os peixes,  
os rios e as pedras, o sol e a chuva, a roça e a caça.  
Com ela, faço soar o mbaraka, aspiro o pityngua,  
danço xondaro, canto pra Nhanderu e rezo nhembo'e.  
Bebo kaguy , como avaxi e jety, aprendo jopói e potirõ,  
tudo isso com ela eu faço.  
Com ela, eu sou o que falo: guarani.

---

A outra língua é o que sobrou de uma guerra de muitas batalhas.  
Ela trouxe a espada e a cruz, o livro e a imagem colorida,  
o sermão, o catecismo, a doutrina, as leis.  
Com ela, aprendi a desenhar palavras no papel.  
Ela me ensinou a formar e a conhecer as letras,  
a aprisionar o som num passe de mágica,  
como quem agarra a fumaça com a mão e a guarda no adjaká.  
Quando saio da aldeia, é ela quem me ajuda.  
Com ela, procuro escola e biblioteca, mercado e igreja,  
posto de saúde e hospital, cartório e tribunal.  
Com ela navego na internet,  
descubro o pensamento do juruá,  
caminho pelas ruas, leio as cidades, entro nos ônibus,  
embarco e desembarco na rodoviária,  
vendo o artesanato e alugo, quando preciso, minha força de trabalho.

Agora já não posso mais viver sem as duas.  
Estou sempre trocando de língua com um pouco de medo,  
como se fosse um caso de bigamia.

Uma língua sabe coisas que a outra desconhece,  
acham graça uma da outra, fazem gozação e às vezes se zangam.  
afora isso, elas se dão tão bem, que sonho nas duas ao mesmo tempo.  
Às vezes, a palavra de uma soa engraçado na outra.  
Às vezes, quero falar uma e me sai a outra.  
Às vezes, quando me perguntam numa, respondo na outra.  
Às vezes fico com uma delas tão engasgada que se permaneço calado  
tenho a impressão de que vou explodir.

Algumas vezes elas se enredam e se entrelaçam uma na outra  
e depois disputam uma corrida para ver quem chega primeiro,

e muitas vezes permanecem misturadas uma na outra  
que me dá até vontade de rir.

Há dias em que as palavras não ditadas me pesam tanto,  
que eu libero todas elas, deixando-as voar como música,  
com medo que fiquem enferrujadas as cordas que as sabem tocar.

Há dias em que quero traduzir uma para a outra,  
mas as palavras se escondem de mim, fogem para bem longe  
e gasto muito tempo correndo atrás delas.

Entre elas, dividem o meu mundo  
e quando atravessam a fronteira se sentem meio perdidas  
e não se cansam de roubar palavras uma da outra.

Ambas pensam,  
mas há partes do coração em que uma delas não consegue entrar  
e quando se aproxima da porta, o sangue se põe a jorrar com as palavras.

Cada uma foi professora da outra:

o guarani nasceu primeiro e eu me habituei a dormir  
embalado por sua suave sonoridade musical.

O guarani não tinha a letra, é verdade, mas era o dono da palavra falada.

Ensinou o português os segredos da oralidade, guiando-lhe a voz.

Já o português, nascido na ponta dos meus dedos,  
ensinou o guarani a escrever, porque este nunca frequentou escola.

Tenho duas línguas comigo  
duas línguas que me fizeram  
e já não vivo sem elas, nem sou eu, sem as duas.

#### **Anexo D** - Dos lenguas – Tradução ao espanhol de Consuelo Alfaro

Viví muchos años con la lengua enredada,  
porque me obligaron a decir palabras extrañas de una otra lengua.

---

Querían que hablara una lengua que no hablaba,  
que dijera lo que no conocía, que me callara lo que sabía.  
Por eso, durante mucho tiempo me quedé mudo.  
La lengua presa, trabada, reprimida.  
La palabra atascada en la garganta, lo no-dicho.  
Intentaron quitarme aquello que había guardado como un tesoro:  
la palabra, que es el arco de la memoria.  
Decían que me faltaba inteligencia,  
porque antes de balbucear las palabras precisas  
tenía que pensar dos veces, en una lengua extraña.  
El tiempo pasó. Ahora, tengo dos lenguas.  
Una lengua nació conmigo, en el regazo de mi madre.  
Es la lengua que expresa el alma guaraní.  
Es la lengua del tekoha, de la opy,  
donde las palabras se abren en flor y se convierten en sabiduría,  
las hermosas palabras, *nhe'en porãngue'í*,  
palabras indestructibles, sin mal, *ayvu marã'ey*.  
El nombre que tengo, fue en ella que me lo dieron, en la ceremonia del  
*Nhemongarai*.  
Es en ella que oigo las divinas palabras del *maino'í*.  
Con ella nombro las plantas, las flores, los pájaros, los peces,  
los ríos y las piedras, el sol y la lluvia, la chacra y la caza.  
Con ella, soplo el *mbaraka*, aspiro el *pityngua*,  
danzo *xondaro*, canto para *Nhanderu* y rezo *nhembo'e*.  
Bebo *kaguy*, como *avaxi* y *jety*, aprendo *jopói* y *potirõ*,  
todo eso hago con ella: río y lloro, rezo y canto.  
Con ella, soy lo que hablo: guaraní.  
La otra lengua que tengo es la que sobró  
de una guerra de muchas batallas.  
Que trajo la espada y la cruz, el libro y las imágenes,  
el sermón, el catecismo, la doctrina, las leyes.

Que me enseñó a aprisionar el sonido  
 como quien agarra el humo con la mano y la guarda en el adjaká.  
 Con ella, aprendí a trazar las letras,  
 y a dibujar las palabras en el papel.  
 Cuando salgo de la aldea, es ella la que me ayuda.  
 Con ella, procuro escuela y biblioteca, mercado e iglesia,  
 puesto médico y hospital, notaría y tribunal.  
 Es con ella que me comunico con indios de otras lenguas.  
 Con ella navego en internet,  
 descubro el pensamiento del juruá,  
 camino por las calles, leo las ciudades, entro en los buses,  
 embarco y desembarco en el terminal terrestre,  
 vendo artesanía y converso con las personas.  
 Ahora ya no puedo más vivir sin las dos.  
 Estoy siempre cambiando de lengua  
 con un poco de miedo, como si fuera un caso de bigamia.  
 Una lengua sabe cosas que la otra desconoce,  
 una se ríe de la otra, burlándose  
 y a veces enfadándose.  
 Aparte de eso, se dan tan bien  
 que sueño en las dos al mismo tiempo.  
 A veces, la palabra de una parece divertida en la otra.  
 A veces, quiero hablar en una y me sale la otra.  
 A veces, cuando me preguntan en una, respondo en la otra.  
 A veces me quedo con una de ellas tan atascada  
 que si me quedo callado tengo la impresión que voy a estallar.  
 Algunas veces se enredan y se entrelazan entre ellas  
 y después disputan una carrera para ver quien llega primero,  
 y muchas veces permanecen enmarañadas  
 que me dan ganas de reír.  
 Hay días en que las palabras no dichas me pesan tanto,

---

que las libero todas, dejándolas volar como música,  
con miedo que se queden oxidadas las cuerdas  
que las saben tocar.

Hay días en que quiero traducir de una para otra,  
pero las palabras se esconden  
y se me escapan bien lejos  
y gasto mucho tiempo corriendo atrás de ellas.

Entre las dos, dividen mi mundo  
y cuando atraviesan la frontera se sienten medio perdidas  
y no se cansan de robar palabras una de otra.

Ambas piensan, pero hay partes del corazón  
en que una de ellas no consigue entrar  
y cuando se aproxima a la puerta,  
la sangre comienza a disparar las palabras.

Cada una fue profesora de la otra:  
el guaraní nació primero y me acostumbré a dormir  
arrullado por su suave sonoridad musical.

El guaraní no tenía la letra, es verdad,  
pero era el dueño de la palabra.

Enseñó al portugués los secretos de la oralidad, guiándole la voz.  
Ya el portugués, nacido en la punta de mis dedos,  
enseñó al guaraní a escribir,  
porque nunca había asistido a la escuela.

Tengo dos lenguas conmigo,  
dos lenguas que me hicieron,  
lo que soy y ya no vivo sin ellas,  
ni soy yo, sin las dos.

**Anexo E - Moko) Ayvu – Traduzido por professores bilíngues**

Areko moko) ayvu xere

Moko) ayvu xeapo

Ndaiko vei ma

A´e kuery e´ù reve

Ni xee ma xee´ ù

Moko) e´ù reve.

Pete) ayvu

Xereve oiko va´e

Há´i jyva a´iry

Ai reve guare.

Amongue py pete)

xeayvuxe

Amboae katy AA

Nhamboparaa ma

O) juruá kuã re

Oikoramo vê

Ombo´e mbya

Ombopara aguã.

A) gui maxemboayvu

Ayvu amboae py

A) gui mandaiko vei ma

Moko) e´ ù re.

Oipota xeayvu

xeayvu xe´ ù re.

Mbya ayvu ma

Oiko voi vê

A´e xee ma

Ajepokuaa exe

Exe ve avi ake

---

Amboae kuery revê  
Xeayvu katu aguã.  
Amongue ara py ma  
amongue ayvu  
Ndaxeayvui vê  
Anhenhandu vai jepi.  
Pete) ayvu oikuaa  
Mba'e mo amboae ndoikuaai  
Pete) ayvu  
Xegui ranhe oiko.  
Aiko are maayvu mboa aendu  
kuaa e' ù re  
Rire ma ayvu moko)  
regua aendu  
A'e vy maxeakã pe amo) porá  
moko) ayvu  
Aendu kuaa e' ù re ma  
Ayvu moae pe anhet  
A'e aguã anho' ) aikuaa  
Rire ma moko) regua aikuaa  
Amboae pe ma any) ri ma a'e  
Águã  
Aikuaa ma.